

Vivia num romântico castelo, igual aqueles da era medieval. Era valente e forte, louro e belo, tinha a arrogância de um senhor feudal. De espada em punho, armado de cutelo, ou lança em riste, por um nobre ideal eu me bati, mais de uma vez, em duelo, vencendo até o mais audaz rival.

No entanto, certo dia, no intervalo entre o duelo e a caça, de manhã, chegaste num esplêndido cavalo.

Toda a arrogância minha então foi vã. Eu me tornei o mais fiel vassalo da mais encantadora castelã. Ziver Ritta, Conto medieval.

O natal vem chegando e uma saudade bateu-me forte no meu peito agora, lembrei de minha antiga mocidade que aos poucos foi murchando tempo afora. E num gostoso clima de bondade que o natal causa para quem o adora, relembro instantes de felicidade que do viver o tempo não descora.

Vai um natal, mas outro vem depressa deixando todos plenos de promessa, se de ilusão nossa alma se apodera.

E o tempo simplesmente segue em frente levando a vida aceleradamente enquanto a gente outro natal espera... Analice Feitosa de Lima, Natais.

628 de Fanal, 2007, Dezembro:
Rua Álvares Machado 22, 1º; CEP 01501-030 – São Paulo/SP

Do amor e da natureza, faço um cântico essencial: afugentar a tristeza, e preservar meu ideal. Dina Marchetti Abad, 1309 A Voz da Poesia: Rua dos Bogaris 183 04047-020 – São Paulo/SP

O que encanta a criatura numa relação a dois, são momentos de ternura antes, durante e depois!... Lacy José Raymundi, 0712 Fanal: R. Álvares Machado 22, 1º 01501-030 – São Paulo/SP

É boa a vida da gente, pois qualquer um tem motivo de bater palmas, contente, só pelo bem de estar vivo! Manoel Claro, 1012 O Patusco: Caixa Postal 95 61600-970 – Caucaia/CE

Das dores que sofri, nos meus caminhos, fiz sempre, meus sonetos e canções, lembrando o amor, perdido em torvelinhos perdida, caminhei sem direções... No livro da saudade, em pergaminhos, meu pranto sublimou recordações, – vigílias que morreram sem carinhos, viveram nos fantasmas de ilusões...

Sou Poeta, e minha vida é mais poesia! É aberta a minha casa à fantasia, e as nuvens, do telhado, eu posso vê-las...

Pobre poeta! à espera que o destino, tocando em Catedrais, um grande sino, reunisse a humanidade, como estrelas! Noemise Machado França Carvalho, Sonho em vão.

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XVII, Nº 12 – 2013 DEZEMBRO
Assinatura até 31.12.14: 12 selos postais de 1º Porte Nacional
Não comercial (R\$ 0,80) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!

☼ www.haiku.sf.nom.br ☼

¿Por qué estás triste? – No lo se. ¿Qué sientes? – ¡Nada! – ¿Te duele algo? – Nada me duele... y sin embargo me muero. – ¡Hazle una herida en el corazón y vivirá!...

Amor! Se sueña con los ojos abiertos y se vive con el alma cerrada. Amor! Se duerme en la tierra para despertar en el Paraíso. Amor! Esta palabra que nos dice todo, nos hace comprender también la nada, apenas el corazón la deja de pronunciar!...

Julio Herrera y Reissig, Poesía Completa y Prosas: Átomos de Luz, Scipione Cultural, 1998. – Gentileza de Raynal A. Costa

Ah!... se o mundo se ajeitasse, e fosse extinta a algozia. Ah!... se o respeito, reinasse... Oh!... quão ameno seria... Pedro Grilo, 1012 Trinos do Pitiguari: Rua Guanabara 542 59014-180 – Natal/RN

Não há nada mais profundo mais belo e comovedor nem maior poder no mundo que um simples gesto de amor. Zito Lobo, 1308 Binóculo ivonildodias@secrel.com.br jbatista@unifor.br

Minha pedra, minha vida, diz o craqueiro a cantar, sem saber que aquela vida acaba de se queimar... Antonio Cabral Filho

Urubu sobre o telhado e voando abertamente ficou muito bem olhado pelo suspiro da gente. Francisco de Assis Nascimento

Vem chegando a primavera, os jardins ficam floridos... Almas cheias de quimera e corações coloridos. Henry Kropf

Passa o vento num arrulho. A noite é fria lá fora... Como é gostoso o barulho da chuva, caindo agora. Humberto Del Maestro

Uma pedra no caminho fez Drummond poetizar; um poeta faz seu ninho no rochedo que encontrar. Olivaldo Júnior

O amor chega sem jeito, balança meu coração, que bate forte no peito temendo desilusão. Osael de Carvalho

Letras Taquarenses, Outubro 2013: letrastaquarenses@yahoo.com.br; Antonio Cabral Filho: Rua São Marcelo 50/202, 22780-300 – Rio de Janeiro/RJ.

1. Preencher até três haicus, (veja quigos a lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. Posteriormente o haicuísta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

SELEÇÕES MENS AIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.11.13, enviar até 3 haicus de quigos: Dia do Zelador, Gafanhoto, Goiaba.

Até o dia 30.12.13, enviar até 3 haicus de quigos: Céu azul profundo, Codorna, Dia da Escola.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Rua Des. do Vale 914, Ap 82
05010-040 – São Paulo, SP

ou mfmenendez@superig.com.br



QUIDAI S

Galho ressecado, alegria das crianças... lindo caramujo. Anita Thomaz Folmann

Sol bebendo orvalho, após noite de esplendor. Dia do Arquiteto. Fernando Vasconcelos

Olha que manchete!!! O Dia do Jornaleiro. Gritos na calçada... Haroldo Rodrigues de Castro

Seis de janeiro. Reisado junto ao presépio. Viva os reis magos. Helvécio Durso

Beleza não há maior que se ouvir, na tarde, cantar um sabiá!... Hermoclydes Siqueira Franco

Ao Papai Noel um grande abraço e um beijo: não esqueceu órfãos... Leonilda Hilgenberg Justus

Sob a luz do sol a hortênsia saúda o hóspede, na aléia do hotel. Maria Reginato Labruciano

HAICUS BRASILEI ROS EM FOLHA

Os pés dentro d'água aproveitando o descanso rio de verão. C Alba Christina

Calm, sobre as águas, o gado sacia a sede – rio de verão. O Amália Marie Gerda

No tronco da árvore, menino vê taturana. Não toca – ela queima! I Djaldá Winter Santos

Cutuca... cutuca... com a vara de bambu. Manga na cabeça. Elizabeth Krinski Beraldo

Taturana imóvel no tronco da árvore. Foi sacrificada. I Flávio Ferreira

No galho, dependurada, a taturana. I Manoel F. Menendez

Coleta de seixos, na aula de geografia. Rio de verão. C Marilena Budel

Bem depois da enchente casas ainda esquecidas esperando os donos. I Alba Christina

Taturanas andam, com seus casacos feludos, sobre os verdes galhos... O Amália Marie Gerda

Casas desabando, aflição dos moradores. Rio de verão. O Djaldá Winter Santos

Aparece a pororoca. Brilha os olhos da turista. Apressa o passo. Elizabeth Krinski Beraldo

Susto noturno. Rompimento da adutora. Enchente no bairro. O Flávio Ferreira

Quase sobre a ponte a água do rio. Enchente. O Manoel F. Menendez

Bolinha boiando desce ladeira na enchente. Garoto assustado. C Renata Paccola

Sinos de Natal e entre os pinheiros em festa criança da brincosa. Alba Christina

O elegante antúrio centralizado na sala, encanta a visita. Amália Marie Gerda

Chega a enchente natureza já dá pena carcaça de um sonho. O Elizabeth Krinski Beraldo

Ressaca aparece na tarde ensolarada gritos... corre... Elizabeth Krinski Beraldo

Rio cristalino, transparecem pedras. Rio de verão. O Larissa Lacerda Menendez

Na casa vazia, um gato no telhado. Enchente no bairro. A Marilena Budel

Águas avançando sobre as pedrinhas da margem. Rio de verão. I Renata Paccola

Triste, um cão navega na correnteza da enchente, sobre um galho de árvore. C Amália Marie Gerda

A chuva não para – fisionomias aflitas... Terrível enchente. C Djaldá Winter Santos

Ainda bem cedo no tronco da velha árvore vejo a taturana. O Elizabeth Krinski Beraldo

Não mais se avistam pedras no fundo do rio. Rio de verão. C Flávio Ferreira

Passos apressados: quase estão correndo. Chuva de verão. I Manoel F. Menendez

Na tarde quente se esconde entre as folhas, uma taturana. B Marilena Budel

Criança curiosa põe a mão na taturana. Choro convulsivo. O Renata Paccola

O H O M E M
Máximo Gorki – Tradução de Oleg Andréev Almeida: www.olegalmeida.com

... Nas horas da fadiga de espírito – quando a memória ressuscita as sombras do passado e o coração volta a sentir seu frio, quando o pensamento, feito o impassível sol outono, ilumina o medonho caos do presente e gira, sinistro, por sobre a confusão cotidiana, incapaz de subir mais alto e voar para frente –, nas duras horas da fadiga de espírito, eu fico evocando a majestosa imagem do Homem.

Homem! Igual ao sol, nasce no meu peito e, todo luminoso, põe-se a marchar – para frente e para o alto! – o Homem tragicamente belo!

Eu vejo a altiva frente e os olhos bravos e profundos dele, e nesses olhos, os raios do intrépido Pensamento, daquela nobre força que, nos momentos de cansaço, cria os deuses e, nas épocas de ânimo, acaba com eles.

Perdido no meio dos desertos universais; sozinho num palmo de terra a precipitar-se, com uma ra-

pidez inconcebível, não se sabe aonde, ao fundo de um espaço imensurável; atormentado pela questão pungente – para que é que ele existe? – o Homem segue corajosamente o caminho de superação de todos os mistérios terrestres e celestiais: para frente e para o alto!

Ele vai, regando com sangue de coração seu árduo, solitário e orgulhoso caminho, e desse sangue quente faz as eternas flores da poesia; hábil, ele transforma o grito lúgubre de sua alma revoltada em música e suas práticas, em ciências; como o sol, cujos raios adornam, generosos, a terra, como uma estrela guia, ele vai – sempre para o alto e para frente! – e cada passo seu adorna a vida...

Armado apenas com a força do Pensamento que lembra ora um relâmpago ora uma espada friamente calma; ultrapassando de longe as pessoas e a própria vida, o livre e orgulhoso Homem vai – a sós com os enigmas da existência, sozinho na multidão de seus erros –, e todos eles oprimem e ferem seu coração, torturam-lhe a mente e pedem que os extermine, envergonhado.

Vai! No seu peito, bradam os instintos; qual um mendigo importuno a pedir esmola, não para de

lamentar-se, abominável, o amor-próprio; os fios viscosos dos apegos envolvem, iguais à hera, o coração dele e bebem seu quente sangue, em altas vozes exigindo que ceda à sua força... Todas as emoções querem rendê-lo; tudo aspira a apoderar-se da sua alma.

E montes de variadas ninharias do dia a dia parecem lama e nojentos sapos no seu caminho. Mas como os planetas circundam o sol, as obras do espírito criativo rodeiam o Homem: seu Amor sempre esfomeado; a Amizade que o segue de longe, coxeando; a Esperança que o antecede, cansada; eis o Ódio que, tomado de Cólera, faz tinirem os grilhões da paciência, e a Fé que fixa seus olhos escuros no rosto rebelde do Homem, a recebê-lo, serena, de braços abertos.

Ele conhece a todos na sua triste comitiva: as obras de seu espírito criativo são feias, imperfeitas e fracas!

Trajando os farrapos das obsoletas verdades, envenenadas por preconceitos, elas se arrastam, inimigas, atrás do Pensamento, mas não conseguem alcançá-lo, assim como o corvo não se equipara, levantando voo, à águia, e, contestando sua primazia, raramente se unem a ele numa chama potente e criadora.

E aí mesmo, a muda e misteriosa Morte, perpétua companheira do Homem, sempre pronta a beijá-lo no coração queimado pela sede de viver.

Ele conhece a todos na sua imortal comitiva e, para terminar, mais algo: a Loucura... Alada, poderosa feito um turbilhão, ela o acompanha com seu olhar hostil e, ansiosa por meter o Pensamento na sua dança selvagem, inspira-o com sua força...

Mas só o Pensamento é amigo do Homem: o Homem nunca se separa dele; só as chamas do Pensamento é que iluminam os obstáculos no seu caminho, alumiam os enigmas da vida, a treva dos mistérios naturais e o caos obscuro no coração do Homem.

Livre amigo do Homem, o Pensamento passa seu olhar penetrante e arguto por toda a parte e, inclemente, ilumina tudo:

As artimanhas pérfidas e torpes do Amor, seu desejo de dominar o ser amado, anseio de humilhar e humilhar-se, e o semblante vil da Sensualidade por trás dele; a impotência temerosa da Esperança e, por trás dela, sua irmã Mentira, pintada e ataviada Mentira sempre pronta a consolar – e enganar – todo o mundo com suas doces palavras.

No coração mole da Amizade, o Pensamento ilumina sua prudência interesseira, sua curiosidade cruel e oca, as manchas pútridas da inveja e nelas, germes da calúnia.

O Pensamento percebe a força do Ódio negro e sabe: uma vez livrado dos ferros, ele destruirá tudo na terra e nem um broto da justiça poupará!

Na Fé imóvel, o Pensamento ilumina a maldosa sede do poder ilimitado, que busca subjugar todos os sentimentos, e as garras ocultas do fanatismo, e a fraqueza das asa.s. pesadas, e a cegueira dos olhos vazios dela.

Até com a Morte ele trava luta: depois de transformar o animal no Homem, depois de criar tantas divindades, doutrinas filosóficas, ciências – chaves dos enigmas mundiais – o imortal e livre Pensamento se vê contrário e adverso àquela força infecunda e, muitas vezes, estupidamente má.

A Morte, para ele, é um trapeiro – trapeiro que anda pelos fundos e põe no seu imundo saco o que estiver caduco, podre, inúteis restos, mas vez por outra, furta, insolente, o que ainda é forte e saudável.

Impregnada de cheiros de podridão, coberta de horrores, impassível, informe, muda, a Morte enfrenta sempre o Homem, como um mistério negro e severo, e o Pensamento – criador e luminoso, feito o sol, cheio de audácia louca e de alta consciência de sua imortalidade – esmera-se em estudá-la.

Assim é que marcha o Homem insumisso, atravessando a pavorosa treva dos mistérios existenciais: para frente e para o alto! Sempre para frente e para o alto!

(...)

Maxim Górkí (Alexei Máximoitch Pechkov) (1868-1936), famoso escritor russo e soviético, fundador do chamado realismo socialista. Principais obras: romances *A mãe* (1907), *A casa dos Artamonov* (1925), *A vida de Klim Samguin* (4 vv., 1925-1936); peças de teatro *O submundo* (1902), *Os filhos do sol* (1905), *Os inimigos* (1906); trilogia autobiográfica *Infância*, *O mundo e Minhas universidades* (1913-1923). Larousse Cultural: Gorki (Alekséi Maksimovich Pechkov, dito **Máximo**), considerado o pai do realismo socialista.

“Onde há ego, há conflito.” Napoleão Mendes de Almeida, exemplo de verbo reflexivo: O capitalista matou-se, ele só pensava em si.
“Não discrimino por cor ou crença. Só me importa se alguém é ou não um ser humano: não se pode ser pior que isso.” Mark Twain, 1835-1910 – Destak

A V E M A R I A

John Fante 1909-1983, O vinho da juventude, contos, tradução Roberto Muggiati, José Olympio Editora, 2010; atendimento direto ao leitor: mdireto@record.com.br – Gentileza de Edmilson Felipe

Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é conosco; bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Oh, Maria Mãe Santíssima, estou agora em Hollywood, Califórnia, nas esquadras de Franklin com Argyle, numa casa onde alugo um quarto por 6 dólares semanais. Lembre-se, Virgem Santíssima, lembre-se da noite vinte anos atrás no Colorado, quando meu pai foi ao hospital para a sua operação e eu reuni todos os meus irmãos e irmãs no chão do nosso quarto e disse: “Pelo amor de Deus – rezem! Papai está doente, por isso, crianças, rezem.” Ah, rapaz, nós rezamos para a senhora, Virgem Maria, Dulcíssima, rezamos e meu sangue cantava e meu peito se encheu de grandes sentimentos, as ondas de eletricidade, o poder da fé deliberada e todos nós levantamos e fomos para partes diferentes da casa. Fiquei sentado na cozinha sorrindo afetadamente. Disseram no hospital que papai iria morrer, e ninguém sabia daquilo exceto mamãe e eu, e a senhora, Dulcíssima, e eu, e a senhora, Dulcíssima, mas nós havíamos rezado e fiquei sentado com o sorriso afetado, caçoando da morte porque havíamos rezado e eu sabia que tínhamos feito a nossa parte por papai e que ele sobreviveria.

As crianças não queriam ir para a cama naquela noite, tinham medo de que papai morresse e todos esperaram e vovó já planejava os funerais, mas eu sorria afetadamente e fui para a cama e dormi feliz, com suas contas entre meus dedos, beijando a cruz algumas vezes e depois pegando no sono porque papai não morreria depois das minhas orações, porque a Senhora era a minha namorada, a minha rainha e não havia nenhuma dúvida em meu coração.

De manhã acordei numa alegria vibrante porque papai havia sobrevivido e viveria mais, muitos anos por vir, e lá estava mamãe de volta do hospital, radiante e viscosa quando nos beijou com júbilo e eu a ouvi dizer a vovó:

– Ele sobreviveu porque tem um constituição de ferro. É um homem forte. Nada vai matar aquele homem.

E quando ouvi aquilo, eu abafei um riso. Elas não sabiam, essas pessoas, a respeito de nós dois, Dulcíssima, e pensei no seu rosto pálido, em seus cabelos escuros, em seus pés sobre a serpente no altar lateral e eu disse, ela é maravilhosa, é certamente maravilhosa.

Oh, que dias foram aqueles! Oh, como eu amava então! A Senhora era o azul celestial e eu erguia o olhar para a Senhora quando caminhava

para a escola com livros debaixo do braço, e meu êxtase era simples e avassalador, massacrante, louco e estonteante, todas estas coisas dentro do meu peito, sensações e a Senhora no céu azul, na minha camisa azul, no meu livro encapado de azul. A Senhora era a cor azul e eu a via em toda parte e então vi a imagem na igreja, a não altar lateral, com os pés sobre a serpente e eu disse e repeti mil vezes, eu disse, oh, Dulcíssima, e eu não tinha medo de nada...

Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é conosco; abençoada sois vós entre as mulheres e abençoado é o fruto do vosso ventre, Jesus. Oh, Maria Mãe Santíssima, quero pedir-lhe um favor, mas antes quero lembrar-lhe algo que certa vez fiz pela Senhora.

A Senhora dirá que estou me gabando de novo e que já ouviu essa história, mas eu me orgulho dela e meu coração está batendo aritmicamente, e há o esvoaçar de um pássaro na minha garganta e eu seria capaz de chorar e estou chorando porque eu amei, oh, como eu a amei. Essa ardência em minhas faces é o curso das minhas lágrimas e eu o afasto com a ponta do dedo e o dedo sai quente e molhado e fico sentado aqui e pertengo aos vivos. Estou dizendo que isto é um sonho.

Chamava-se Willie Cox e frequentava Grover Cleveland. Zombava sempre de mim porque eu era católico. Oh, Maria! Já lhe contei isso antes, admito a bravata, mas esta noite, a um dia da véspera de Natal, estou em Hollywood, Califórnia, na esquina de Franklin e Argyle, e o aluguel é 6 dólares por semana, e quero pedir-lhe um favor e não posso pedir antes de lhe contar um pouco mais sobre esse Willie Cox.

Ele mascava tabaco, esse Willie Cox. Frequentava Grover Cleveland e mascava tabaco e eu ia para St. Catherine’s e costumávamos nos cruzar na esquina e ele cuspiu sumo de tabaco nos meus sapatos e nas minhas pernas e dizia:

– Isto é para os católicos. Eles fedem.

Willie Cox, onde está você esta noite? Estou na esquina de Franklin e Argyle e isto é Hollywood, portanto é possível que você esteja a dois quarteirões daqui, mas onde quer que esteja, sr. Willie Cox, eu o convoco para testemunhar a verdade da minha narrativa. Willie Cox, eu levei uma porção infernal do seu cuspe naquela primavera. Quando disse que os padres comiam os bebês das freiras e depois escorrou nos meus sapatos, eu aceitei. Quando disse que fazíamos sacrifícios humanos na missa e o padre bebia o sangue de donzelas e você cuspiu nos meus

joelhos, eu aceitei aquilo. A verdade é, Willie, e esta noite eu a admito, que você me assustava. Era muito forte e eu decidi fazer o que os mártires faziam – não fazer nada. Aceitar.

Ave Maria, cheia de graça! Eu era um menino então, e não havia amor como o meu amor. E não havia garoto mais durão do que Willie Cox e eu tinha medo dele. Ah, mas meus dias eram da cor azul celeste e bastava erguer meus olhos e lá estava meu amor e eu não tinha medo. E, no entanto, apesar de tudo, eu tinha medo de Willie Cox.

Como está o seu nariz hoje, Willie Cox? Seus dentes da frente cresceram de novo? Ele estava a caminho de Grover Cleveland e eu a caminho de St. Catherine’s e eram oito horas da manhã. Ele juntou o cuspe na sua mandíbula e eu prendi a respiração.

– Olá, carola.
– Olá, Willie.
– Qual é a pressa, católico?
– Vou andando, Willie. Estou atrasado.
– O que é que há? Está com medo das freirinhas?

– Pare, Willie! Não consigo respirar!
– Ouvi uma coisa, carola. Meu velho disse que vocês católicos acham que Jesus nasceu sem a sua mãe ter filhos como as outras pessoas têm filhos. É isso mesmo?

– É a Imaculada Conceição. Ui!
– Imaculada, merda! Aposto que ela era uma puta como todas as católicas.

– Willie Cox, seu cão sarmento!
Sr. Thomas Holyoke, o senhor está morto hoje, morreu dois anos depois, mas mesmo morto poderá falar esta noite e contar o que viu da sua janela, ali no gramado, 15 anos atrás, numa manhã daquela primavera. Pode contar o que contou aos policiais que correram dos degraus do tribunal, pode contar de novo:

“Vi o garoto moreno aqui lutando para se livrar. O garoto Cox o estava estrangulando. Achei que ele ia machucar o garoto e estava para intervir. Subitamente o garoto moreno lançou o punho e o garoto Cox caiu esparramado sobre o meu gramado novo da primavera. Achei que estavam brincando, até ver que o menino Cox não se mexia. Quando acorri, seu nariz sangrava e os dentes da frente tinha caído.”

Ave Maria, cheia de graça! Aqui em Hollywood, na esquina de Franklin e Argyle, espio pela minha janela e olho sem parar para a imensidão interminável de azul celeste. Espero e me lembro. Oh, Dulcíssima, onde estás agora?

Oh, azul interminável, você não mudou!

No seu quarto ao lado do meu, minha senhoria fica sentada diante do rádio. Willie Cox, sei agora que você está em Hollywood. Willie Cox, você é a mulher no quarto ao lado ouvindo rádio. Deixou o hábito vulgar de mascar tabaco, mas, oh, Willie, você tinha encanto naqueles dias e não era tão monstruoso como é agora, enfiando pequenos pedaços de papel por baixo da minha porta dizendo-me insistentemente que lhe devo 18 dólares.

Ave Maria, cheia de graça! Hoje quando falei com meu agente ele disse que havia um colapso econômico em Hollywood, que a situação era séria. Desci as escadas do seu escritório e saí para o grandioso fim de tarde. Que céu tão azul! Que azul tumultuoso nas montanhas de Santa Monica! Olhei por toda parte acima de mim e suspirei e disse, bem, pelo menos não vai chover esta noite. Isso foi nesta tarde. Willie Cox, você é a minha senhoria e você é um colapso em Hollywood.

Maria no Céu, o que me aconteceu? Oh rainha altaneira de pé sobre a serpente no altar lateral. Oh, doce garota com os dedos de cera, há um colapso em Hollywood, minha senhoria passa pequenos pedaços de papel por baixo da minha porta e quando olho para o céu é para formar uma opinião sobre o tempo. Isso é engraçado. É provavelmente de uma graça terrível para o mundo e é engraçado para mim, mas esta poeira que se acumula na minha garganta, esta quietude de no meu peito onde antes havia agitação, esta boca que morde cigarros e antes exibía um sorriso afetado de fé e alegria no destino – não há risada nestas coisas. Willie Cox agarrou-me pela garganta de novo.

Willie Cox, não tenho medo de você. Sei que não posso fazer sangrar o nariz de um colapso em Hollywood ou arrancar os dentes da boca da minha senhoria, mas, Willie Cox, lembre-se que ainda olho para o céu. Lembre-se de que existem noites como estas em que para escutar, para procurar, para sentir, para aprender.

Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é conosco, e abençoada sois vós entre as mulheres. Santa Maria, Mãe de Deus, eu ia pedir-lhe um favor, eu ia pedir-lhe absolutamente sobre aquele aluguel. Vejo que não é necessário agora. Vejo que não me desertou. Pois daqui a pouco eu vou enfiar isto num envelope e despachar. Há um colapso em Hollywood, e minha senhoria enfia pedacinhos de papel debaixo da minha porta e uma vez mais eu fico sentado na cozinha do meu mundo, um riso afetado nos meus lábios...